



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**EVANDO CARLOS MOREIRA (2)**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-706

**Entrevistado:** Evando Carlos Moreira

**Nascimento:** 05/07/1975

**Local da entrevista:** CEMEFE – UFMT, Cuiabá, MT.

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 20/05/2016

**Transcrição:** Marina Albugeri

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 32 minutos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

### Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação acadêmica; Envolvimento com pesquisa histórica; Criação do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal de Mato Grosso; Apoio da Universidade; Acervo; Projetos para registrar o Centro; Atividades; Pesquisas; Projetos de Extensão; Organização do Acervo; Estrutura; Lugares de Memória na Universidade; Equipe; Referenciais Teóricos e Metodológicos; Divulgação das pesquisas e do acervo; Palavras Finais.

Cuiabá, 20 de maio de 2016. Entrevista com Evando Carlos Moreira a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, muito obrigada pela disponibilidade. Eu queria que você começasse falando da sua formação.

E. – Eu sou formado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física de Santo André, em São Paulo. Fiz o mestrado e doutorado em Educação Física na UNICAMP<sup>1</sup>, na área de formação de professores.

C.M. – Qual foi o tema?

E. – Eu estudei no doutorado a formação dos mestres e doutores para atuar na formação de professores de Educação Física. A ideia era estudar a formação dos formadores de professores. E no mestrado eu estudei a formação nos cursos de licenciatura na região do grande ABC<sup>2</sup> em São Paulo.

C.M. – E como você se envolveu com a história?

E.M. – Então, eu me envolvi com a história a partir da orientação de uma dissertação de mestrado, aqui na UFMT<sup>3</sup>. Dissertação esta concluída em 2010, pelo Claudemir<sup>4</sup>, aluno meu que estudou a prática do esporte e da Educação Física na Escola Nilza de Oliveira Pepino, em Sinop, cidade do norte do estado de Mato Grosso. Num recorte temporal de 1979 a 2009 e, de lá para cá outras atividades foram feitas. Desculpe, corrigindo: foi a dissertação do Rogério<sup>5</sup>, a do Claudemir foi uma segunda. Na dissertação do Rogério estudamos a história da Educação Física no Instituto Federal do Mato Grosso, campus Octayde Jorge da Silva. O Instituto Federal do Mato Grosso tem hoje,

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>2</sup> Região que inclui as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Mato Grosso.

<sup>4</sup> Claudemir Gomes da Cruz.

<sup>5</sup> Rogério Marques Almeida.

aproximadamente dezessete *campi* e, o IFMT<sup>6</sup> campus Octayde Jorge é o mais antigo de Mato Grosso, ele é de 1909. Então, o Rogério em 2009 queria estudar a história do local onde ele trabalhava, porque ele trabalha lá no IFMT, Octayde Jorge. E aí começamos a fazer levantamento de informações a esse respeito e acabamos nos enveredando pelo campo da história a partir dessas necessidades apontadas por ele. Só que naquele momento a ideia era fazer um levantamento de toda a história, de cem anos, portanto, era de 1909 a 2009, era muito trabalho. Só que ao mesmo tempo isso não se configurou de fato como um trabalho gigantesco, porque poucos registros históricos nós conseguimos entre 1909 e 1940, 1950. Então, os primeiros registros são dos anos 1940 e 1950, e aí como eles eram pequenos a gente optou manter este recorte mesmo, de cem anos. A gente até encaminhou essa proposta para a editora, para comunicar em formato de livro, a gente está em avaliação. Mas já se passaram sete anos do trabalho de orientação do Rogério.

C.M. – E como foi a criação do Centro de Memória<sup>7</sup>?

E.M. – Então, a partir do estudo do Rogério, a partir do estudo do Claudemir, que eu já citei antes, nós pensamos: “Porque não criar um Centro de Memória”. E aí, eu comecei a orientar uma aluna da graduação, a Talita<sup>8</sup>, que depois foi minha aluna de mestrado e que também estudou história. E aí, começamos a pensar “é possível? Não, é possível”, fiz contatos com a Silvana<sup>9</sup> lá do CEME<sup>10</sup> e, começamos a fazer levantamentos diversos, e falei “olha, eu acho que é possível. A gente talvez não tenha fôlego para lidar com tantas demandas que vão surgir no Centro, mas eu entendo que seja possível”. E aí, em 2011 nós oficialmente, vamos dizer assim, constituímos o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte de estado de Mato Grosso.

C.M. – E vocês tiveram apoio aqui da universidade?

E. – Sim, internamente o apoio sempre nos foi dado. Então, por exemplo, um espaço físico para acomodar os documentos, o acervo, nós já tínhamos a disposição alguns

---

<sup>6</sup> Instituto Federal do Mato Grosso.

<sup>7</sup> Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>8</sup> Talita Ferreira.

<sup>9</sup> Silvana Vilodre Goellner.

<sup>10</sup> Centro de Memória do Esporte.

computadores que eram de projetos anteriores que eu coordenei, não necessariamente vinculados à história, mas que acabaram fazendo parte do Centro por uma necessidade, visto que outros projetos nós não tínhamos. Institucionalmente, a gente sempre teve respaldo e isso para nós facilitou um pouco o trabalho.

C.M. – Na faculdade já tinham pessoas que trabalhavam com pesquisa histórica?

E.M. – Que eu saiba não. Muito pelo contrário, na verdade boa parte do material que conseguimos recuperar estava jogado. Aí foi um trabalho mesmo de começar a organizar, ainda nós não demos conta disso, uma parte desse material ainda está num canto, guardadinho lá, nós sabemos que isto está lá, mas a gente ainda não conseguiu trabalhar com eles. Mas até o momento da criação do centro não havia na faculdade, havia experiências de outros professores em outros locais, mas não aqui na faculdade.

C.M. – Como estava este acervo, esses documentos?

E.M. – Estava totalmente espalhado, em várias salas, em vários lugares e, alguns deles já em estado de deterioração. Quando nós constituímos o centro, isso ficou público institucionalmente, algumas pessoas, principalmente aqueles professores já mais velhos de universidade, começaram a nos procurar: “Olha, tenho isso, tenho aquilo”. E aí a gente foi recebendo esses materiais para poder organizar melhor. Mas de uma maneira geral ele estava todo espalhado e em mau estado de conservação.

C.M. – Essa criação, vocês registraram ele como algum projeto?

E.M. – Sim, foi registrado como um projeto de pesquisa, que tinha o nome Criação do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte de Mato Grosso. Depois nós fizemos outros projetos, o projeto de Consolidação do Centro de Memória. Projeto este financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do estado de Mato Grosso, no edital de 2014, que era para ser finalizado agora em 2016, mas como eles atrasaram no repasse eu pedi prorrogação de mais um ano que é para a gente poder de fato consolidar o Centro.

C.M. – Outros pesquisadores da faculdade se envolveram nesse processo depois da criação?

E.M. – Diretamente não. Nós temos dois professores que já transitaram pelo campo da história e, tem nos ajudado no sentido de produzir novos materiais a partir de orientações. E esses materiais depois ficam a disposição do Centro, como produções vinculadas a história. Mas, basicamente, o centro hoje é tocado por mim e pela minha ex-orientanda de mestrado, a professora Talita Ferreira.

C.M. – Quais atividades vocês realizaram desde o início?

E.M. – Olha, primeiro foi tentar organizar todo o material que a gente tinha. Então, começamos com a digitalização de documentos, *muitos, muitos documentos*, o curso de Educação Física é de 1976. Então, tínhamos um material desse período, agora em agosto completem-se quarenta anos, então, é muito material. Então, nós começamos a digitalizar documentos, tentamos criar algumas pequenas coleções, em função de algo que a gente observava, então, um exemplo: uma atividade que a faculdade realizou nos anos 1970 e 1980, chamada colônia de férias, foram, acho, que treze colônias de férias, de 1979 até 1991 aproximadamente. Então, esse material estava bem preservado, a gente acabou encontrando esse material bem preservado, com fotos, com documentos expedidos, ofícios expedidos, ofícios recebidos, relatórios de conclusão das atividades. Então, isso tudo foi sendo arquivado num primeiro momento nem tratado, mas organizado, arquivado, para depois ser discutido, tratado. Depois nós começamos a digitalizar fotos, *muitas fotos*, uma parte considerável dela com pouca identificação, a gente tinha que ir nas pessoas que a gente tinha acesso, para que elas dissessem: “Olha, isso aqui é de tal período, isso aqui é uma foto que é relativa ao evento tal”, e assim por diante. Então, a gente está nessa fase, ainda de separação dos documentos, digitalização das imagens e numa ação bem incipiente de criação de pequenas coleções.

C.M. – Em relação a atividades de pesquisa, para além dos mestrados que você citou, teve pesquisa de graduação também?

E.M. – Sim, teve de iniciação científica. Tem uma aluna agora, que terminou agora no mês de abril, ela foi bolsista desse projeto da FAPEMAT<sup>11</sup> que eu mencionei. Então, ela realizou um trabalho, só que nós fomos totalmente acometidos pela greve, uns quatro meses de greve, isso atrapalhou demais o trabalho. Então, ela se ausentou, enfim, a gente não tinha muito o que fazer nesse período, então, o trabalho não foi bem cumprido por conta desse problema. Mas num primeiro momento ela foi a primeira bolsista de iniciação científica. Nós tivemos outros, mas bolsas de extensão, voluntariados, bolsa de monitoria da disciplina de história, que tem ajudado também lá no trabalho do Centro.

C.M. – Vocês têm algum projeto de extensão?

E.M. – Então, tínhamos no ano de 2015 um projeto de extensão. Mas que também não funcionou bem por conta da greve, mesmo caso, quatro meses parado, bolsistas se afastam, universidade para de pagar, e aí gera um problemão.

C.M. – Qual que era esse projeto?

E.M. – O projeto sempre tem girado em torno da ideia da consolidação e de tornar o acervo de fato público, de criar condições para que as pessoas, de qualquer órgão, de qualquer local, elas possam vir aqui e acessar o acervo. E aí um outro projeto que a gente tem, quer dizer um outro projeto não, uma outra ação que a gente pretende desenvolver que está dentro desse projeto de pesquisa, é a de criação da página do centro e, a possibilidade de disponibilizar parte do acervo para o público consultar de onde eles quiseram. Só que isso depende um pouco também da capacidade que o servidor dispõe para acomodar essas informações, aí eu já pensei em criar páginas, mas eu sei que para criar página, depois eu preciso manter a página, pagar taxar mensais, e isso acaba muitas vezes, inviabilizando, tornando oneroso o processo, por que depois a gente cria a página e eu ou outro pesquisador é que vai ter que bancar para a página ser mantida, então, isso é um problema que a gente tem enfrentado. A ideia era criar dentro do próprio Centro um local para que as pessoas pudessem acessar o documento ali mesmo.

C.M. – Tem alguma relação do Centro com atividades de ensino?

---

<sup>11</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso.

E.M. – Basicamente da disciplina de história. O acervo fica disponível, mas a gente..., não sei se é uma questão cultural, mas não se percebe tantas pessoas querendo acessar esse tipo de informação dentro do processo de formação. A gente às vezes tem até dificuldade de selecionar bolsistas, porque a gente sabe que outras áreas talvez se apresentam a eles mais atrativas.

C.M. – Você é o professor da disciplina de história?

E.M. – Sim

C.M. – Em relação ao acervo que tipo de suporte temático dos acervos vocês tem? De papel, foto, objeto?

E.M. – Então, a gente tem papel, a gente tem foto, nós temos objetos. Por exemplo, um professor se aposentou doou uma quantidade de livros muito antigos. Então, a gente tem materiais de todo o tipo de natureza. Então a gente tem bastante coisa, o fato é ainda em fase de organização.

C.M. – E a temática é sobre a história da escola? Tem sobre história do esporte?

E.M. – Não, a ideia é discutir o esporte e Educação Física de uma forma geral. Então, é o que eu te falei, a colônia de férias. Um evento muito tradicional em Cuiabá, que se chamava UNICUIA<sup>12</sup>, que eram jogos..., como se fossem jogos escolares, mas que envolvia todos os segmentos; Piscuila<sup>13</sup> que era um evento que atendia crianças pequenas ainda, sete, oito anos de idade; acervos fotográficos do ginásio; acervos, documentos referentes a eventos que a faculdade já organizou. Então a gente está tentando criar esta coleção, então, eventos realizados pela faculdade, congressos, simpósios, seminários, semanas científicas. Então a gente tem organizado dessa forma.

C.M. – E sobre esporte em Mato Grosso ou em Cuiabá.

---

<sup>12</sup> Jogos da União Cuiabana, espécie de jogos abertos do estado.

<sup>13</sup> Jogos organizados pela UFMT para crianças.

E.M – Então, ainda não tivemos fôlego para chegar nisso. Agora com o Rodrigo, que é um orientando do doutorado, ele está querendo estudar a prática do esporte em Barra do Garças<sup>14</sup>, e aí talvez a gente consiga alguma coisa nesse tipo.

C.M. – Essa parte que já está organizada, como vocês organizaram essa parte?

E.M. – Então, nós tentamos separar por temáticas e acondicioná-las, verificar seu processo de..., o estado de conservação, limpeza e tal, depois separamos em caixa de arquivo de plástico. No primeiro momento, aquelas que ainda não tinham sido organizadas colocamos em caixa de papelão, depois de organizar colocamos em caixas de plástico, acondicionamos em prateleiras num espaço que a gente tem lá no centro. Mas o espaço já está pequeno visto a quantidade de documentos que a gente levantou deste período todo. Algumas coisas a deixa a disposição do público que quiser acessar, daí a gente tem uma prateleira lá com troféu, medalha com foto, nós temos quadro lá mais antigas, então desta forma.

C.M – E tem alguma lista, alguma forma de...

E.M. – Única lista que a gente tem hoje é a lista de trabalho de conclusão de curso. Nós fizemos um levantamento desde quando o trabalho de conclusão de curso se tornou obrigatório no curso, que foi na estrutura de 1997, então os primeiros trabalhos são do ano 2000. A gente tem esses trabalhos, não vou dizer que temos todos, com certeza alguns se perdem, mas essa lista nós temos. Inclusive acabei de receber uns trabalhos de conclusão do curso do semestre passado, já para colocar lá no Centro.

C.M. – Vocês tem se aproximado dos conhecimentos da Museologia, da Arquivologia ou da Biblioteconomia?

E.M. – Não. Algumas pequenas aproximações foram feitas pela Talita na época em que ela estava fazendo o mestrado. Mas vínculos com grupos de pesquisadores, ou de pessoas que entendem desses segmentos, não.

C.M. – E tem algum professor de fora ou, pesquisador de fora da Educação Física ou, da História, que tenha colaborado também ou que vocês tenham buscado inspiração?

E.M. – Não, não. Aqui na verdade somos nós e nós mesmos. E assim, a fonte de inspiração ela nasceu do trabalho do Rogério e dos contatos que eu tive com a professora Silvana na época, que nos ajudou muito na elaboração do trabalho. E foi um teste para nós na época, porque eu nunca tinha orientado trabalhos dessa natureza, e aí na época eu falei: “Rogério, a única forma de nós sabermos se estamos certos ou não, é chamar alguém que conhece para poder avaliar, sob pena de sermos..., como eu posso dizer, criticados ou de sermos elogiados pelo trabalho”. Acho que dentro desse processo todo, a Silvana nos inspirou nesse sentido. E felizmente a gente caminhou bem e não tivemos problemas, não.

C.M. – Em relação ao espaço, o que vocês dispõem?

E.M. – Nós dispomos de uma sala, o tamanho dela não saberia te dizer com precisão e, um almoxarifado, onde a gente guarda o material, câmera, gravador, computador, papel vegetal para separar fotos, enfim, materiais de escritório diversos. E duas pequenas salas, que na verdade não são salas, eles eram... Porque o local que a gente usa hoje era um camarim, aí deste camarim havia dois banheiros, eles estão desativados, a gente usa esses espaços para deixar os materiais arquivados, então é um espaço adaptado.

C.M. – Eu queria que você falasse agora do apoio financeiro. Você já citou os projetos, mas...

E. – Sim, sim. Na verdade o apoio financeiro que nós tivemos foi o edital que nós concorremos em 2014, Edital Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso, na época nós pedimos mais dinheiro, mas o que nos foi concedido foram treze mil reais. Talita foi bolsista CAPES<sup>15</sup>, na época do mestrado. Nós encaminhamos o projeto no ano passado para Rede CEDES<sup>16</sup>, juntamente com a UNEMAT<sup>17</sup>, e dentro do

---

<sup>14</sup> Cidade de Mato Grosso.

<sup>15</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>16</sup> Rede de Centros de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

<sup>17</sup> Universidade do Estado do Mato Grosso.

projeto grande, um projeto maior, nós tínhamos uma parte do Centro que seria atendida com isso. Então, basicamente as fontes de financiamento que a gente teve nesse tempo foi essa. Até porque quando ele foi criado em 2011 a gente tinha muita coisa para fazer, aí você acaba se envolvendo com elas e não dá para você buscar fomento. São poucas pessoas e aí fica difícil.

C.M. – Da universidade vocês conseguiram algum equipamento, alguma bolsa?

E.M. – Não, o que a gente conseguiu sempre foram os bolsistas. Então, nós tivemos um bolsista de extensão, que eu já relatei os problemas em função da greve, a Évellyn<sup>18</sup> que terminou agora a iniciação científica, ela é bolsista da FAPEMAT, não é da universidade. Eu tenho uma menina, a Luana<sup>19</sup>, que é monitora da disciplina de história, que ajuda também no Centro.

C.M. – A universidade ela tem outro lugares de memória, museu?

E.M. – Tem, ela tem o Núcleo de Documentação Histórica, o NDIHR<sup>20</sup>. Talita também, na época, chegou a conversar com o pessoal, eles nos deram algumas dicas. Mas a gente percebeu que naquele momento, não sei, parece que eles não estavam muito a fim de nos ajudar, não entendemos muito bem o que aconteceu. Mas tem o Núcleo de Documentação Histórica e a Secretaria de Comunicação, que nos ofereceu muita informação, histórica mesmo, de construção do ginásio, imagens de construção, de documentos. Então a Secretaria de Comunicação nos ajudou bastante nesse sentido.

C.M. – Em relação a museu, tem algum?

E.M. – Tem o Museu do Índio, que eu me lembre agora. Mas creio que só esse, Museu Rondon que a gente chama de Museu do Índio, Museu Rondon. Mas que me ocorre desse momento apenas esse.

C.M. – Rede desses espaços não tem?

---

<sup>18</sup> Évellyn Thaís Peixoto de Freitas.

<sup>19</sup> Luana Ellen Mansilha Guebara.

E.M. – Não, não temos.

C.M. – Atualmente qual é a equipe de trabalho com você?

E.M. – Hoje eu, coordenando o Centro, a Évellyn, que está como voluntária, a bolsa dela já acabou, que é graduanda e a Luana que também é graduanda. Somos nós três.

C.M. – A Talita continua também com você?

E.M. – Também como voluntária, a gente está tentando organizar uma parte do material que ela tem, as entrevistas gravadas e transcritas, que agora precisam ser limpas, vamos dizer assim, enviadas para os entrevistados para que eles possam verificar se está tudo ok, para a gente poder disponibilizar também isso no acervo.

C.M. – E vocês fazem grupo de estudo?

E.M. – Não, hoje nós não temos nos reunidos para discutir isso. São encaminhadas leituras para as bolsistas, mas de fato, efetivamente e periodicamente não.

C.M. – Os alunos da graduação que se envolvem, eles são encaminhados para pesquisa também ou, eles ficam só no trabalho com o acervo?

E.M. – No primeiro momento, a ideia era que eles nos ajudassem nesse trabalho mais pesado, mas a partir do fim do ano passado, a gente começou a sugerir que eles pudessem começar a estudar alguma coisa que chamasse a atenção deles a partir do envolvimento com esse trabalho. Então, algumas coisas já foram feitas, eles produziram texto para mandar para o CHELEF<sup>21</sup>. Então eles já começaram a se envolver com isso também.

C.M. – E como você tem encaminhado as suas pesquisas? As suas pesquisas estão tendo relação com o Centro de Memória ou com outra área?

---

<sup>20</sup> Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional.

<sup>21</sup> Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

E.M. – Então, eu tenho hoje um aluno que está fazendo doutorado, mas ele não está estudando diretamente o que nós temos no Centro de Memória. Na verdade ele está, como eu disse, ele está estudando esporte no município de Barra do Garças, e a ideia é que ele produza, que ele consiga localizar também seja incorporado ao Centro de Memória. E aí o que a gente sente certa dificuldade, de pessoas se interessarem para estudar história, não apenas na graduação, mas até mesmo alunos de mestrado e de doutorado. Nós somos em poucos professores também, essa linha mais sociocultural e, a gente tem observado uma certa dificuldade nesse sentido.

C.M. – O curso de Educação Física, além da disciplina de História, tem outras disciplinas de socioculturais?

E.M. – Tem abordagem sócio-antropológicas do corpo, eu acho que só. Aí depois as disciplinas mais pedagógicas, mas não socioculturais. Teoria e prática do jogo, mas voltadas para essa questão sociocultural essas duas.

C.M. – E a disciplina de História em qual...?

E.M. – Primeiro semestre e, essa disciplina de abordagem sócio-antropológica no segundo.

C.M. – Qual aporte teórico você tem trabalhado?

E.M. – Nessa disciplina?

C.M. – Nas suas pesquisas.

E.M. – Ah sim. Nós temos trabalhado primeiro com... E a minha primeira orientação foi a partir da história cultural e todas as demais que seguiram a partir dela. A Talita estudou um pouco de micro-história e de narrativas, por conta do estudo dela, que foi um estudo biográfico. Então basicamente nós temos tratado a partir daí.

C.M. – Quais autores?

E.M. – Os autores mais clássicos, como o Peter Burke que nos orienta bastante na História Cultural e os autores todos que tem transitado nessa esfera. E aí obvio não temos como não nos apoiarmos nos autores da Educação Física que estudaram história, a Silvana, o próprio professor Victor<sup>22</sup>, enfim, a Janice<sup>23</sup> que também contribui bastante para nós, principalmente no trabalho da Talita.

C.M. – Você comentou das entrevistas, que metodologia vocês tem utilizado? E que tipo de fonte?

E.M. – Na verdade o método, basicamente, ele tem se centrado no mesmo modelo que você está utilizando. A gente procura o entrevistado, solicita a ele a autorização para realizar a entrevista, transcreve a entrevista, envia para ele, para que depois ela possa ser disponibilizada. Mas basicamente, no caso do Rogério e do Claudemir, eles... Do Claudemir não houve entrevista, no caso do Rogério essas entrevistas elas nem foram transcritas na época, porque foi o primeiro trabalho. As da Talita estão todas transcritas, mas a gente ainda está em fase de autorização, por mais que a gente já tenha até concluído o trabalho, não tem fôlego. Ela fez entrevistas de duas horas, aproximadamente, com cada pessoa, ela entrevistou quase trinta pessoas. Então, para você ter a dimensão do tamanho do trabalho para uma pessoa. Então, esse tem sido o trabalho que a gente tem realizado do ponto de vista das entrevistas.

C.M. – E vocês têm trabalhado com fonte documental também.

E.M. – Isso, fonte documental também.

C.M. – Teve alguma iniciativa no sentido de trabalhar com fontes imagéticas ou objetos?

E.M. – Não, não. Ainda não.

C.M. – Que meios de divulgação científica vocês tem privilegiado?

---

<sup>22</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>23</sup> Janice Zaperllon Mazo.

E.M. – Olha, os meios mais clássicos. Os periódicos, os eventos científicos, embora a gente saiba que do ponto de vista da pós-graduação eles são praticamente nulos, no que se refere à quantificação. Agora o trabalho do Rogério, depois de um longo trabalho de revisão e de tempo mesmo que a gente não tinha da história do Instituto Federal. Eu e a Talita entramos para mexer um pouco mais no trabalho dele e dar um formato de livro, nós encaminhamos o livro para a editora da Universidade para verificar a viabilidade de publicação. Então, basicamente são esses os caminhos, os textos em eventos, os artigos em periódico e o livro agora, que a gente está encaminhando.

C.M. – Os periódicos e eventos vocês tem ido para a área da Educação Física?

E.M. – Isso, a gente tende a ir nos eventos em que a história esteja inserida ou contemplada de alguma maneira. A Talita foi em alguns eventos no ano passado, na área da história, mas em outros eventos também, que seja da educação física e contemple a área da história.

C.M. – Vocês têm utilizado a internet como meio de divulgação?

E.M. – Foi criada nesse ano uma página do Centro no Facebook, por iniciativa dos próprios alunos. Agora eu estou no trabalho de construção da página do Centro, mas ainda não sei qual é a capacidade que eu tenho para abastecer de informação, visto que são arquivos pesados, são fotos, e tudo isso a gente não domina. Então, a página é, entre aspas, muito simples criar uma página de internet aqui na faculdade, pela universidade, mas eu ainda não sei a capacidade de informação que ela consegue receber. E aí a segunda possibilidade seria uma página própria do Centro, mas isso aí tem custo e a gente também tem dificuldade de manter.

C.M. – Após instalação do Centro de Memória, você percebe algum impacto nas atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão da universidade... Da faculdade?

E.M. – Olha, da faculdade algumas pessoas tem se interessado em realizar. Então, teve um menino que fez um trabalho de conclusão do curso com a História das Corridas de Rua, em Cuiabá. O outro estudou a história de uma corredora muito famosa aqui em Mato Grosso,

então você percebe que existem algumas pequenas iniciativas que começam a surgir. Mas são muito incipientes, muito incipientes. Aí os alunos ou eles se aproximam de nós, que temos aqui um pouquinho mais de condição de ajudá-los ou, eles vão para outros professores, e aí a gente perde um pouco o controle.

C.M. – Vocês fizeram intercâmbio com outro Centro de Memória?

E.M. – Não. Apenas a Talita, como eu disse, que fez alguns contatos, mas tirando esse contato na época do curso dela, não tivemos.

C.M. – Como você define o Centro de Memória?

E.M. – Olha, eu defino como um espaço muito interessante, muito rico em história, em memória, pouco utilizado infelizmente e, que é desprezado por aqueles que seriam os responsáveis por produzir conhecimento. A gente tem dificuldade de encontrar fomento nas agências de fomento, as pessoas parecem que não gostam de trazer à tona a memória. Me lembro que na época das entrevistas, que nós fizemos por ocasião tanto do TCC<sup>24</sup> como do mestrado da Talita, as pessoas se quer queriam mostrar seus rostos nas entrevistas. Então a gente queria entender porque, se você está oferecendo o seu depoimento, se você autoriza que se registre o que você está dizendo, porque não mostrar a sua imagem. Parece que as pessoas não valorizam muito a história e o que a gente percebe é isso mesmo, uma falta de valorização, parece-me que só as histórias boas elas são interessantes, enfim, acho que é um espaço muito rico, muito bacana, mas que ainda precisaria de um pouco mais de impulso para poder deslanchar. As pessoas parecem que não entenderam o sentido a da história ainda.

C.M. – Professor tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar sobre essa experiência no Centro de Memória?

E.M. – Não. Eu acho que as experiências elas são muito significativas para nós que nos envolvemos com a pesquisa. Então o que ocorre se eu não conheço? Ou eu tendo a criticar ou eu simplesmente ignoro. E aí a hora que eu passo a fazer parte eu penso: “Nossa que

bacana, que rico que é este processo”. Então acho que as pessoas precisariam conhecer mais para poder entender essa dinâmica, porque às vezes parece-me que, principalmente os pesquisadores da área, desprezam a história ou a trajetória em que as coisas tiveram para que elas pudessem acontecer. E aí é tipo como se a minha pesquisa em História fosse inferior a uma pesquisa que se faz na Biodinâmica, na Fisiologia etc.

C.M. – Então é isso.

E.M. – Tá bom. Eu que agradeço.

C.M. – Muito obrigado. Agradeço muito o seu tempo e disposição para dividir isso com a gente.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>24</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.